

Trabalhos Científicos

Título: Manejo Do Paciente Com Transtorno Do Espectro Autista Na Internação Em Unidade De Terapia Intensiva

Autores: GABRIELA SILVEIRA HERCULANO (CENTRO UNIVERSITÁRIO DAS AMÉRICAS (FAM) – SÃO PAULO/SP), BRUNA MENDONÇA SILVA (UNIVERSIDADE EVANGÉLICA DE GOIÁS – UNIEVANGÉLICA), NATÁLIA FUJIOKA MATSUOKA (UNIVERSIDADE CATÓLICA DE BRASÍLIA- UCB), FERNANDA MARQUES DA SILVA SANTOS (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE), ISABELA ABUD DE ANDRADE (UNIVERSIDADE NILTON LINS - UNL), JULIANA FERREIRA LEAL (UNIVERSIDAD PRIVADA DEL ESTE- UPE CDE), EVA HADASSA NOGUEIRA DOS SANTOS (CENTRO UNIVERSITÁRIO FAMETRO), ANNA LILLIAN CANUTO BITTENCOURT (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE, LAGARTO-SE), VINÍCIUS BARBOSA DOS SANTOS SALES (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE, LAGARTO-SE), CRISTIANE DE OLIVEIRA BREDA (FACULDADE DE MEDICINA DE JUNDIAÍ)

Resumo: Introdução: O processo de internação infantil é bastante delicado tanto para a criança quanto para a família. Tal situação torna-se ainda mais desafiadora quando se trata de pacientes com atraso no desenvolvimento neuropsicomotor. Assim, crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) requerem estratégias eficazes para o manejo na internação, em especial na unidade de terapia intensiva (UTI). Objetivo: Objetiva-se com este estudo descrever o manejo do paciente TEA na internação em UTI. Metodologia: Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, na qual foram selecionados 8 artigos científicos obtidos nas plataformas Public Medline (PubMed), Google acadêmico e Scielo publicados entre 2015 e 2021, com a utilização dos Descritores em Ciência da Saúde (DeCS): “Transtorno do Espectro Autista” e “Unidade de Terapia Intensiva Pediátrica”, nas línguas portuguesa e inglesa. Resultados: O conhecimento dos fatores etiológicos que podem influenciar no desenvolvimento do TEA é fundamental para o desenvolvimento de estratégias de intervenção e melhora do prognóstico. Os achados mostraram prevalência de prematuridade, baixo peso ao nascer e asfixia perinatal em crianças com TEA. Ademais, cada semana a menos de gestação foi associada a um risco aumentado de TEA e a ventilação de alta frequência e hemorragia intracraniana foram associadas ao espectro entre crianças com idade gestacional menor que 34 semanas. Portanto, pode-se destacar as associações entre fatores de risco específicos durante períodos críticos do neurodesenvolvimento e um diagnóstico subsequente de TEA e entender a importância da triagem de sobreviventes da UTI neonatal a termo para o autismo, particularmente quando comorbidades estão presentes. Algumas limitações são o desenho retrospectivo do estudo e a amostra de pequeno tamanho. Considerações finais: Diante do que foi encontrado na literatura, ficou claro que existe uma grande lacuna acerca da temática. Logo, faz-se necessário ampliar os estudos na população pediátrica com TEA, para um melhor manejo em UTI.